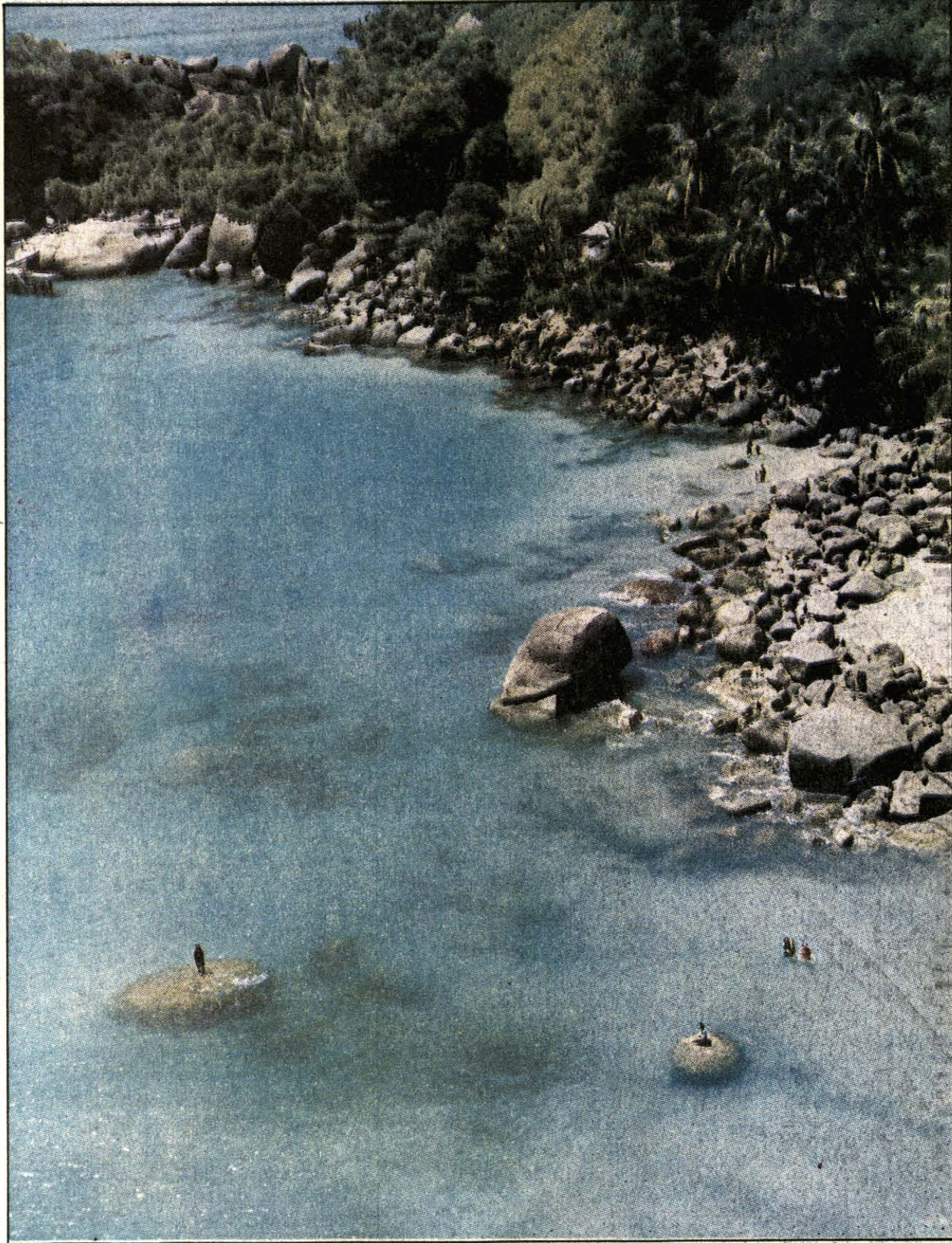


ECOLOGIA

Fotos Michel Filho



A transparência da água sem nenhuma poluição permite a nítida visão do fundo do mar, e a Lagoa do Leste conduz o cristalino Rio Capivari ao oceano. As crianças caiçaras brincam livremente, longe da civilização

A 'guerra ideológica' no paraíso

■ Correntes de ambientalistas divergem sobre uso da Reserva Biológica da Praia do Sul, na Ilha Grande, administrada pela Feema

CELINA CÔRTEZ

A Reserva Biológica da Praia do Sul, na Ilha Grande, e a própria Ilha Grande são palco de uma guerra ideológica entre duas correntes ambientalistas. Os conservacionistas, que priorizam a fauna e flora e deram origem à atual legislação ambiental, e os ecologistas, que levam em conta o relacionamento dos habitantes com a natureza. A reserva biológica não admite habitantes, e pesquisas da Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente (Feema) constataram que foram os próprios caiçaras — cerca de 100 pescadores que vivem na Praia do Aventureiro, dentro da área restrita à ocupação — que preservaram os ecossistemas locais.

A própria Feema, que administra a Reserva Biológica da Praia do Sul, quer transformar a Vila do Aventureiro em Área de Proteção Ambiental. A Ilha Grande, reserva biológica pelo decreto estadual 9.728, de 1987, é um paradoxo, ainda maior porque, além de continuar cheia de moradores, mantém a Colônia Penal Cândido Mendes.

Os 3.600 hectares da Reserva Biológica da Praia do Sul — criada pelo decreto estadual 4.972 de 1987 — são um verdadeiro paraíso. Vegetação exuberante, aparentemente virgem, banhada pelo

Rio Capivari — padrão de referência de águas limpas em todo o estado —, com praias de mar transparente que permite a visão dos cardumes multicoloridos. E, por que não, a comunidade de pescadores, que levou a equipe de Rogério Ribeiro de Oliveira, da Feema, a crer que os cinco ecossistemas existentes dentro da reserva — lagoas, manguezal, Mata Atlântica, restinga e costão rochoso — estavam intocados.

Quando a equipe começou a revirar o subsolo, há dois anos, no entanto, encontrou os vestígios de

riamente aparece muita gente aqui”, conta Antônio Correia dos Reis, 74 anos, nascido na Praia do Sul e vigia da Feema.

O que justifica a criação de uma reserva biológica é a garantia absoluta da preservação da área para fins de pesquisa. A maioria dos estudos desenvolvidos na Praia do Sul são de técnicos da Feema, e só agora a antiga sede — construída com financiamento da WWF — está ganhando um laboratório, em casa anexa feita com recursos da Esso. Até então,

Um projeto de adoção

Rogério Ribeiro de Oliveira, que já foi administrador da reserva, e Norma Crud defendem a ideia de manter os caiçaras na Praia do Aventureiro. Crud tem brigado para garantir investimentos para preservar a área. “Apresentei um projeto de adoção para todos os serviços, mas não houve retorno. Precisamos de uma geladeira, manutenção segura para a baleeira e equipamentos para os guardas, como botas e capas de chuva”, diz Norma.

Para Vilmar Berna, presidente dos Defensores da Terra, o principal problema da Reserva Biológica é o conflito com os pescadores. “Hoje já não se encontra o inhame e o aipim, vegetais da alimentação tradicional desta população. Até a Feema está propondo modificações nos limites da reserva, mas os moradores não estão sendo ouvidos”, afirmou. Vilmar busca patrocínio para publicar o livro *O povo do Aventureiro*, com fotos de Alexandre Manna.

ECODICAS

□ Será inaugurada hoje, às 15h30, a primeira usina de incineração de lixo hospitalar do país, na cidade de Paulínia, na região metropolitana de Campinas. O incinerador permite que resíduos hospitalares, como agulhas e seringas contaminadas, se transformem em cinzas inertes e estéreis. O equipamento, da Silicon Engenharia, com apoio técnico da empresa suíça Sulzer, reduz o volume do lixo em 95% e elimina os riscos de contaminação hospitalar.

□ No curso de verão sobre técnicas e materiais de pintura do Parque Laje, a professora Katie Von Scherpenberg ensina como evitar as tintas tóxicas, como os cádmios (vermelhos, amarelos e laranjas) ou os cobaltos (azuis e verdes). A alternativa é usar terra com óxido de ferro, que produz pigmentos que vão do branco ao vermelho e do azul ao preto. Os pigmentos são obtidos da terra, submetida à temperatura de 300 graus centígrados.

□ Um novo acordo internacional sobre desertificação — fenômeno que afeta cerca de 900 pessoas no mundo e um quarto do território total da terra — deverá ser assinado ainda este ano. A comissão da ONU, responsável pela negociação do acordo — incentivada pela Cúpula da Terra do Rio-92 e pelos acordos de biodiversidade e mudança climática — completou sua terceira sessão dia 28 de janeiro, e sua expectativa é ter um texto final até junho.

□ O Instituto Acqua e a Associação Brasileira de Entidades de Meio Ambiente (Abema) — que reúne órgãos oficiais e não oficiais ambientais — assinam hoje um convênio de cooperação técnico-científica. O programa prevê a realização de pesquisas, estudos, capacitação de recursos humanos, intercâmbio de informações técnico-científicas e prestação de serviços integrados em área de proteção e gestão das águas. O convênio será assinado na sede do Instituto Acqua, na Glória.



roça caiçara, feita dentro dos princípios — tão atuais — do desenvolvimento sustentado.

O que quebra esta harmonia é a falta de estrutura para a gestão da reserva biológica. Não existe o cargo de administrador, função exercida há três anos pela dedicada bióloga Norma Crud, que toma conta da área do escritório da Feema, no Alto da Boa Vista.

Cinco funcionários tentam deter as ondas de turistas e curiosos, quase sem equipamentos: “Dia-

laboratório era dois armários de aço que guardavam as coleções botânicas coletadas na reserva, e os esqueletos de golfinhos, tartarugas marinhas e macaco-guaíba, acondicionados em espaço aberto sob a pia.

A baleeira, usada para transportar os pesquisadores à Ilha, está temporariamente aposentada, porque o seguro marítimo criado há dois anos pela Capitania dos Portos nunca foi pago.

Fertilidade se mantém há séculos

O trabalho desenvolvido por Rogério Ribeiro de Oliveira, da Feema, estudou a regeneração da mata em diferentes etapas — e concluiu, com base nas técnicas caiçaras, que o fogo não afeta os microrganismos do solo, quando controlado e atado nas primeiras horas da manhã. “O sistema — que inclui o descanso do solo após três safras para garantir sua regeneração — dá certo, tanto que a fertilidade se mantém há séculos”, observa Rogério.

Os pesquisadores da reserva biológica não se cansam de descobrir novas espécies, muitas delas em extinção. Como a *Griffinia* sp, semelhante a um lírio lilás, coletada dentro do ecossistema da Mata-Atlântica e enviada para estudo exterior. Ou ainda a *Potomorphia umbellata*, em testes pela UFRJ, com bons resultados no tratamento da malária.

Uma equipe da Universidade Federal Fluminense estuda as características geoquímicas do Rio

Capivari, e a Feema analisa suas interações ecológicas. Ele nasce dentro da floresta, desce encachoeirado até entrar na Lagoa do Leste e desemboca no mar por um canal, isento de poluição.

A Feema também estuda com a Fundação Oswaldo Cruz as plantas medicinais da reserva, como a *Vernonia*, de propriedades analgésicas. A Organização Não Governamental Mundo da Lama pesquisa a vegetação de mangue e a fauna de caranguejos.



Antônio Osório, 74, nascido na Praia do Sul, é um dos vigias da Feema